



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

CAUÊ ASSIS DE MOURA

**CONECTANDO AS RAÍZES COM OUTROS TEMPOS: MEMÓRIAS DO
MOVIMENTO TRANS BRASILEIRO EM UM CENÁRIO PANDÊMICO**

MACEIÓ
2021

CAUÊ ASSIS DE MOURA

**CONECTANDO AS RAÍZES COM OUTROS TEMPOS: MEMÓRIAS DO
MOVIMENTO TRANS BRASILEIRO EM UM CENÁRIO PANDÊMICO**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Bacharel com formação em Psicologia.

MACEIÓ

2021

CONECTANDO AS RAÍZES COM OUTROS TEMPOS: MEMÓRIAS DO MOVIMENTO TRANS BRASILEIRO EM UM CENÁRIO PANDÊMICO

RESUMO

A internet muitas vezes é descrita através de duas grandes facetas: uma que se apresenta sob o aspecto da hegemonia e seus mecanismos de controle e outra enquanto sinônimo de liberdade e emancipação coletiva e individual. Diante dos protocolos de distanciamento impostos a partir do ano de 2020 em decorrência da pandemia da COVID-19, estas ambiguidades passaram a ser ainda mais evidentes. Principalmente para nós corpos trans e dissidentes que vivemos nas margens do mundo e podemos observar de perto as suas rachaduras. De modo que diante dos horrores que nos cercam, o movimento trans brasileiro organizou uma série de festivais de *lives* que proporcionaram ver o presente através de nossas lentes, comungando nossas memórias em um tempo comum. Assim, o ponto que guia esta escrita é discussão da produção dos impactos políticos proporcionados por estas *lives*, de forma que caminhar entre tensões, observar colisões e ativar a imaginação para apontamentos possíveis talvez seja a principal função à que se propõe. Para tanto se constitui por um modo de pesquisar que se assemelha a alguém que recolhe cacos para uma coleção e faz uso destes recursos afiados para criar armas de enfrentamento, pois os fluxos de memórias acionados pelos festivais de *lives* podem proporcionar a conexão das nossas raízes com os tempos que estão por vir.

Palavras-chave: a) Movimento trans brasileiro; b) Internet; c) Memória.

Introduzindo os cabos

Quero iniciar esse texto falando da minha mais nova descoberta: os cabos submarinos de fibra óptica que conectam os continentes e formam uma grande teia por onde passam os fluxos de informações que circulam no mundo da internet. Fiquei por horas pensando na notícia de que em 2020 foi ancorado na Praia do Futuro, em Fortaleza, um cabo com cerca de 6 mil quilômetros que liga a capital cearense à Portugal. Essa notícia disparou em mim uma série de imagens que vão desde os navios negreiros, aos corpos e as histórias que foram jogados em alto mar. De forma, que ainda pretendo compor algumas reflexões acerca da estrutura material e simbólica que esses cabos carregam, essas imagens se fixaram no meu pensamento e irão me acompanhar no decorrer desta escrita.

Mas antes preciso tecer outras informações, pensar em como a internet está enraizada em nossa vida cotidiana (LOVELUCK, 2018) e pode ser apontada como uma das grandes transformações em curso no cenário contemporâneo, onde a noção de espaço e tempo foram substancialmente alteradas (COGO; LOPES, 2013). Essas grandes mudanças ocasionam reordenamentos nos modos pelos quais nos comunicamos, nos constituímos e construímos o mundo, intervimos nele. Pierre Lévy (1999) entende a internet como uma rede, um ciberespaço, um: [...] “novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga [...]” (LÉVY, 1999, p. 15).

Essa nova forma de organização em rede, permite amplificar a capacidade de produzir, reproduzir, compartilhar fatos e ideias (MACHADO, 2007). A característica de produzir e consumir conteúdo de forma concomitante em meio digital é decorrente das mudanças ocorridas na estrutura da internet, podendo ser descrita como a passagem da Web 1.0 para o formato 2.0¹. Essa alteração – de uma rede estática para uma web dinâmica – possibilita a publicação e o compartilhamento de informações com maior facilidade (AMARAL, 2012; RIBEIRO, 2013).

Dentro desta perspectiva existem inúmeros discursos entusiasmados que entendem essa rede como um sinônimo de liberdade de expressão, de difusão de conhecimento, de criação, de inovação, além de trazer em seu horizonte a possibilidade de emancipação coletiva e individual (LOVELUCK, 2018). As manifestações convocadas pela internet no início da

¹ Web 2.0, termo cunhado em 2005, por Tim O’Reilly e Dale Dougherty, em uma conferência organizada para discutir o futuro da internet após o chamado estouro da bolha das empresas virtuais [...] (RIBEIRO, 2013, p. 99).

segunda década do século XXI como a Primavera Árabe, o 15-M, o Occupy Wall Street, as manifestações na praça Taksim na Turquia e as Jornadas de Junho de 2013 no Brasil² são exemplos que sustentam esta visão trazendo o potencial de transformação exercido pelas mídias digitais (SILVEIRA, 2019).

Por outro lado, como nos aponta o Transhomem e filósofo Paul B. Preciado (2020) o conjunto de tecnologias biomoleculares, microprotéticas, digitais e de transmissão de informação constitui uma nova forma de regulação do corpo e da subjetividade contemporânea.

A extensão planetária da internet, a generalização do uso de tecnologias informáticas móveis, o uso da inteligência artificial e de algoritmos na análise de big data, a troca de informações a grande velocidade e o desenvolvimento de dispositivos globais de vigilância informática por satélite são índices desta nova gestão semiótico-técnica-digital. (p. 7)

Buscando pensar na materialidade da estrutura global das redes de computadores, Nicole Starosielski (2015) examina o desenvolvimento histórico das infraestruturas contemporâneas da internet e aponta que 99% de todas as comunicações digitais que cruzam os oceanos, são constituídas por uma rede submarina de cabos de fibra ótica³ que foram colocados ao longo de trincheiras escavadas para sistemas de telegrafia do século XIX. Dentro deste contexto Daniel Cockayne, e Lizzie Richardson (2019) nos evidenciam que a internet moderna é um sistema construído sobre legados do colonialismo, implicando sua geografia material contemporânea nos padrões prevaletentes de desigualdade global, que reproduzem a violência estatal e capitalista.

Paul B. Preciado nos alerta: “[...] detrás do brilho das telas se ocultam hoje as formas mais extremas de dominação neocolonial, tecnológica e subjetiva” (2018, p. 11) e em meio ao processo de distanciamento social que foi necessário para tentar conter o avanço na transmissão do COVID-19, o autor nos faz o convite para que “desliguemos os celulares, desconectemos a internet. Façamos o grande blecaute frente aos satélites que nos vigiam e imaginemos, juntos, a revolução que vem” (PRECIADO, 2020, p. 15). Concordo com o argumento de Debora Pazzeto (2020) ao colocar que Paul B. Preciado sabe que isso não vai acontecer, assim como nós também sabemos, mas que o autor usa essa proposta como um

² Estes eventos ocorreram em países distintos, o 15-M ocorreu na Espanha, a primavera Árabe em mais de 10 países no Oriente Médio e na região norte da África, o Occupy Wall Street nos Estados Unidos e as manifestações na praça Taksim na Turquia e de modo geral foram respostas da população, principalmente a parcela mais jovem, frente aos grandes problemas sociais.

³ Para entender um pouco mais ver o artigo: Como funcionam os cabos submarinos [Mapas e Tubarões]. Disponível no link: <https://tecnoblog.net/276682/como-funcionam-os-cabos-submarinos/>.

discurso performativo que tem como alvo a ativação de nossas imaginações, dos nossos desejos de transformação social, mas indago: diante da impossibilidade material de fazermos este grande blecaute, o que nos resta? Pois é inegável que os protocolos de distanciamento social impostos principalmente a partir do segundo trimestre do ano de 2020 contribuíram para que a internet e sobretudo as mídias digitais se transformassem em uma das principais formas de romper as barreiras físicas de nossas casas e de nos conectarmos com outras realidades.

Assim, não quero pensar a internet apenas como um aspecto da hegemonia, que pode ser descrita por uma infinidade de nomes que não caberiam nesse texto, mas arrisco alguns: capitalista-estatal, colonialista, branca, cisheteropatriarcal [...] também não quero pensar a internet simplesmente como uma oportunidade de resistir a essa hegemonia (COCKAYNE; RICHARDSON, 2019). Quero ampliar e complexificar a tensão entre estes dois polos, pensando como nós, corpos trans, dissidentes sexuais, negros, gordos, periféricos, cadeirantes, afeminados, não ouvintes, cegos [...] com acesso à internet, mesmo que por muitas vezes de modo precário, passamos cada vez mais durante o ano de 2020 a vivenciar as dores e as delícias de ser quem somos também nas teias do mundo virtual, carregando um fluxo intenso de afetos e as nossas memórias.

Letícia Nascimento (2020) ao falar sobre a sua experiência enquanto uma mulher travesti negra e gorda durante a pandemia de COVID-19 nos coloca que o contato com o mundo social por meio das mídias digitais tem um caráter paradoxal, pois por inúmeras vezes elas trazem notícias dolorosas, especialmente para nós pessoas trans, que durante a pandemia estamos, ainda mais que antes, sendo bombardeadas por notícias de assassinatos e suicídios⁴. Entretanto, o paradoxo consiste no fato de que as redes sociais também são uma forma de articular potências que geram vida durante a pandemia. Lembro como os festivais de *lives* produzidos pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) e pelo Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros (FONATRANS) me fizeram vibrar e me sentir vivo, mesmo diante de todo um cenário de horror. Talvez a tradução do que eu sentia esteja exposta nas palavras de Jota Mombaça quando ela diz:

⁴ Os boletins produzidos pela Bruna Benevides e Sayonara Nogueira (2020) que foram publicados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) trazem a constatação de que o número de pessoas trans assassinadas no primeiro semestre de 2020 teve um aumento de 39% em relação ao mesmo período do ano passado.

Não vão nos matar agora porque ainda estamos aqui. Com nossas mortas amontoadas, clamando por justiça, em becos infinitos, por todos os lugares. Nós estamos aqui e elas estão conosco, ouvindo esta conversa, e nutrindo o apocalipse do mundo de quem nos mata (MOMBAÇA, 2020, p. 3).

Penso na guerra que nossos corpos estão vivenciando há muito tempo, guerra esta que não foi deflagrada por nós. Transformamos o “nome de guerra” em “nome social”, ressignificamos e criamos o Bajubá⁵ como uma linguagem própria, manuseamos giletes escondidas na boca para nos defender dos perigos de épocas como a da ditadura militar. Com o surgimento da AIDS, esta prática de manusear giletes tornou-se ainda mais eficiente, pois ao cortar nosso próprio corpo transformávamos o pânico que causava o contato com o sangue de um grupo associado à doença, em estratégia de sobrevivência e assim jogamos com o medo do opressor (PELÚCIO, 2005). Fizemos das políticas e projetos de combate às doenças sexualmente transmissíveis (DST), HIV/Aids e hepatites virais, uma forma de construir os nossos grupos e encontros de movimento social, assim, estrategicamente transformamos o estigma em luta (CARVALHO; CARRARA, 2013). Escrevemos e publicamos livros, utilizamos os espaços virtuais para nos fortalecer politicamente, compartilhar nossas vivências, traficar informações, criar laços de pertencimento [...] (NERY; MARANHÃO FILHO, 2013). E assim como a guerra, as nossas estratégias de enfrentamento e sobrevivência também permanecem e se atualizam. Escrevo nós, porque nós somos imorríveis e nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras (MOMBAÇA, 2017). Também porque entendo que esta escrita e a existência do meu corpo carregam as memórias que me antecedem.

É a partir destas potências que a escrita deste trabalho se movimenta, pensando em como os fragmentos digitais podem se transformar em armas de enfrentamento, como podem se acoplar em nosso corpo criando efeitos outros para além das práticas de controle. Assim, o ponto que guia esta escrita é a discussão da produção dos impactos políticos das *lives* realizadas pelo movimento trans brasileiro durante o processo de distanciamento social imposto pela pandemia de COVID-19 no ano de 2020.

Antes do aumento no uso dos recursos on-line ocasionados em grande medida pelos protocolos de distanciamento social, o movimento trans brasileiro já ocupava as teias do

⁵ Bajubá ou Pajubá como também é conhecido é como nos coloca a Travesti e escritora Amara Moira “Uma língua que foi se forjando no seio da cultura travesti, com um propósito de segurança. A ideia era conseguirmos nos comunicar sem que quem fosse de fora entendesse. A base é o iorubá dos terreiros (erê, ajeum, padê, etc), mas tais palavras foram ganhando outros significados na comunidade travesti. Significados que apontam para as questões que atravessam as vivências desse grupo.” (MOIRA, 2021)

mundo digital. Tanto a ANTRA, quanto o FONATRANS possuem site, perfil no *facebook* e *instagram* por onde vinculam informações, promovem campanhas, contam a história da sua formação [...]. No entanto, vislumbro na produção dos festivais de *lives* algo novo, primeiro em relação ao contexto no qual está inserido, segundo por articular e pluralizar a discussão de pautas do movimento organizado compartilhando-a com um público mais amplo e, por último, por complexificar os argumentos que muitas vezes são usados para diferenciar a atuação política dos movimentos sociais da atuação das/os ativistas que se inserem dentro do contexto das mídias digitais⁶. Caminhar entre tensões, observar colisões e ativar a imaginação para apontamentos possíveis talvez seja a principal função a que se propõe esta escrita.

Os cacos

Lavar, lavar com mãos impacientes
um ouro desprezado
por todos da família. Bichos pequeninos
fogem de revolvido lar subterrâneo.
Vidros agressivos
ferem os dedos, preço
de descobrimento:
a coleção e seu sinal de sangue;
a coleção e seu risco de tétano;
a coleção que nenhum outro imita.
(Coleção de cacos - Carlos Drummond)

Escolho pesquisar como alguém que vasculha cacos. “Caco, sim, de caco mesmo. Fragmento, pedaço, esti-lhaço... ou qualquer coisa considerada como gasta, que-brada, incompleta... Ruim, má, menor, ínfima” (DEORRISTT, 2017, p. 60). Essa ideia foi acionada quando conheci a dissertação da Aline Deorristt, intitulada “Mulheres caídas: cacografias na educação”. A autora cria sua própria maneira de investigar, e investe na cacografia como uma maneira de produzir a partir da falha, do não consenso, das ficções consideradas ruins [...] (DEORRISTT, 2018). Assim, vasculho cacos da mesma forma que alguém escolhe itens para uma coleção. Como no poema de Drummond que está na epígrafe, me interesso pelas

⁶ Para aprofundar a discussão ver a dissertação: “Consciência, *news* e glamour: a Internet como espaço alternativo de sociabilidade e ativismo entre pessoas trans”. A autora busca pensar as tensões existentes entre o movimento social trans que dialoga com o Estado em prol do avanço nas políticas públicas e o ativismo de pessoas trans que atuam por meio das redes sociais (MELO, 2016).

materialidades cortantes, que afetam a carne, ferem os dedos e ao serem escolhidos formam uma coleção que “nenhum outro imita”.

Sinto que os fragmentos dos festivais de *lives* que foram produzidas durante o ano de 2020 e estão espalhadas pelo perfil do *instagram* do FONATRANS e das pessoas que protagonizaram os festivais produzidos pela ANTRA, são esse tipo de materialidade, incompleta, despedaçada, cortante, que não é reconhecida como conhecimento "válido", que para muitos pode ser considerada uma inutilidade.

Ao analisar o "fenômeno" das *lives*, Ludmila Lupinacci (2020) afirma que nos últimos anos as mídias digitais como *Instagram*, *Twitter*, *YouTube* e *Facebook*, que fazem parte dos grandes conglomerados do capitalismo digital, já haviam notado o potencial mercadológico do “ao vivo”, de forma que passaram a inseri-lo em seus sites e aplicativos. No entanto, apesar de todo o esforço destas plataformas, o “ao vivo”, ou como costumamos falar, as *lives*, ainda não haviam se transformado em um grande atrativo para o público em geral. Dentro do contexto pandêmico elas ganharam grande destaque dentro das mídias digitais, sendo rapidamente incorporadas ao nosso cotidiano.

As mídias tradicionais por muito tempo já utilizam o recurso da transmissão ao vivo para produzir a sensação na/o telespectadora/or de estar compartilhando o mesmo momento, por mais que exista uma distância geográfica. A grande diferença das mídias digitais consiste no fato de que ao possibilitar que a/o usuária/o da plataforma interaja com os conteúdos, faz com que esta sensação de compartilhamento da experiência seja potencializada. Como nos evidencia Ludmila Lupinacci (2020), esta possibilidade dentro do contexto de isolamento social torna-se ainda mais atraente.

Como nos aponta o Dossiê dos assassinatos e da violência contra pessoas Trans produzido pelas trans ativistas Bruna Benevides e a Sayonara Nogueira (2021) e publicado pela ANTRA, em maio de 2020 já haviam sido registradas mais de 66 assassinatos de pessoas trans no Brasil. Foi neste mês que o país atingiu pela primeira vez a marca de mais de mil mortes ao dia ocasionadas pelo coronavírus, e que as pesquisas começaram a apontar que a probabilidade de pessoas negras morrerem em decorrência do vírus era maior do que a de pessoas brancas [...].

Os três pontos indicam que eu poderia dar sequência a esta listagem de acontecimentos terríveis que perpassaram o mês de maio de 2020, mas eu iniciei esta rememoração dos fatos para situar o cenário em que nos encontrávamos quando aconteceu no dia 15, o primeiro festival de *lives* produzido pela ANTRA, que foi nomeado de “1º Festival Nacional TRAVESTILIZANDO”. O festival teve como intuito a produção de “mais de 8h de

ações ao vivo e online, com discussões sobre a necessidade de Travestilizar as relações sociais, pessoais, culturais, acadêmicas, políticas, e a forma de construir e desconstruir o futuro de toda a sociedade”⁷. Em meio ao caos em que nos encontrávamos, o festival se apresentava enquanto uma brecha, uma fresta, uma falha, uma possibilidade de respiro, de comungarmos juntos, juntas e juntas um futuro onde é possível existirmos.

A data não foi designada por acaso, foi propositalmente escolhida para fincar na memória a importância do dia 15 de maio, data na qual há vinte e oito anos atrás, em 1992, na capital do Rio de Janeiro, as travestis Jovanna Baby, Elza Lobão, Josy Silva, Beatriz Senegal, Monique Du Bavieure e Claudia Pierry France fundaram oficialmente a Associação de Travestis e Liberados (ASTRAL)⁸. Como nos conta Jovanna Cardoso da Silva⁹: “O grupo deu entrada no cartório de pessoa jurídica no dia 15 de maio, às 14:30hs com a presença da mídia. Foi um marco histórico. Assim originou-se a ASTRAL, precursora do movimento social organizado de travestis” (SILVA, 2018, p. 94). Realizar o festival no dia 15 de maio faz dele um ato de celebração ao passado que aponta para um futuro, ao nos lembrar da força e das raízes que nos sustentam, pois como diz o texto produzido pela Trans ativista Bruna Benevides (2020) para divulgação do evento: “Se existe alguém que sabe resistir e sobreviver são as travestis”.

Em 2020 a ANTRA produziu mais dois festivais de *lives*, o “Festival Nacional TRANSMASCULINIZANDO”¹⁰ que ocorreu no dia 05 de junho, dando início à comemoração do mês do orgulho LGBTQ+ e teve como intuito abordar a construção da luta e do protagonismo dos transhomens e transmasculines, e o “2º Festival Nacional TRAVESTILIZANDO” que aconteceu no dia 26 de junho fechando a comemoração do mês do orgulho e buscando trazer para a discussão a importância das pessoas trans e travestis para a construção desta data.

Paralelo aos festivais produzidos pela ANTRA, o FONATRANS também produziu três festivais durante o ano de 2020: o “1º Festival Traviarcado” que aconteceu no dia 31 de maio e, assim como o primeiro festival da ANTRA, também teve como intuito celebrar as lutas e resistências travadas em maio de 1992, contando para isso, com a participação de Jovanna Cardoso e de Beatriz Senegal, discutindo o protagonismo das travestis negras na

⁷ Descrição do 1º Festival Nacional TRAVESTILIZANDO disponível no site da ANTRA:

<https://antrabrasil.org/travestilizando/>

⁸ Como nos conta Jovanna, o termo Liberados foi usado “para contemplar transformistas que se montavam para se prostituir, gays e lésbicas aliadas” (SILVA, 2018, p. 94)

⁹ Jovanna explica que anteriormente usava o nome Jovanna Baby, mas atualmente é Jovanna Cardoso (SILVA, 2018).

¹⁰ Tive a oportunidade de participar deste festival e integrei a programação com a discussão acerca das estratégias para o enfrentamento das violências vivenciadas por pessoas trans masculinas.

fundação do movimento; o “2º Festival Traviarcado” que aconteceu em 27 de Junho e celebrou o encerramento de um ciclo de atividades realizadas pelo FONATRANS em comemoração ao Mês do Orgulho LGBTQ+; e o “1º Festival AfroTransMasculinidades”¹¹ que aconteceu no dia 08 de agosto e teve como objetivo potencializar as discussões em torno das transmasculinidades negras.

Há muitas coisas que almejo destrinchar acerca da produção destas *lives*, pois as memórias que guardo destes festivais e os vídeos que ficaram gravados e espalhados pelos perfis do *instagram*, formam a coleção de cacos que compõem esta pesquisa. Mas nem todos os vídeos foram gravados, os conteúdos das redes digitais são muito fluidos; e se eu não lembrar de tudo, e se a memória falhar? Concordo com Raphaella Daros (2018) que ao apostar também na coleção de cacos como uma via possível para a construção da escrita, nos diz que não há possibilidades de “esquecer as marcas das experiências que corporificamos” (DAROS, 2018, p. 63). Estes cacos formam uma coleção particular, e usando novamente as palavras de Drummond, digo que esta é uma “coleção que nenhum outro imita”.

Tive receio também que as “falhas” de memória dessem lugar à imaginação e a escrita se tornasse um tanto ficcional, mas pensei: em certa medida todas as escritas já não são? Lembrei de uma frase da travesti e multiartista Linn da Quebrada que desde que escutei não consegui mais esquecer; ela falava que o importante é entender as palavras como uma obra de fricção, entre a realidade e a invenção (QUEBRADA, 2021). Pensando novamente a partir das palavras da Linn sinto que é isto, nós sempre existimos nas falhas, friccionando maliciosamente nossos corpos contra o mundo.

A coleção e os sinais de sangue

É hora de revirar os cacos, de lavar com as mãos e o corpo inteiro os fragmentos que ainda estão disponíveis na rede do *instagram* e também em minhas memórias. A recordação mais forte de vivenciar os festivais de *live* em 2020 faz referência não especificamente às temáticas, mas às emoções que elas me proporcionaram. Sinto que em todos os festivais havia a intenção de contar nossa história, de fazer circular um conhecimento proferido por nós e para nós, falar de movimentos passados com a intencionalidade de nutrir os passos presentes e futuros.

¹¹ Participei da organização deste festival, apresentei e mediei quatro das oito *lives*, dividindo este percurso com Leonardo Peçanha.

Minutos antes das treze horas do dia 15 de maio, Keila Simpson, presidenta da ANTRA, através do perfil do *instagram* oficial da associação inicia a *live*¹² que dá abertura ao 1º Festival Nacional TRAVESTILIZANDO. Ela faz um apanhado do contexto da pandemia e de algumas notícias que estão permeando o cenário naquele exato momento, como a demissão do segundo Ministro da Saúde, e nos convida a travestilizar o olhar para que possamos ter um outro panorama.

Ainda durante o mesmo festival, Sara York, mulher travesti e mestre em educação, inicia a *live*¹³ em seu perfil pessoal e já se encontra visivelmente emocionada; em certo momento, ela enfatiza que outras travestis, as que foram assassinadas e as que permanecem na luta, estão presentes em sua fala, em seu embargo de voz, em suas lembranças. Ela dispara: “Cada vez que eu vejo uma travesti em algum lugar que eu nunca havia visto, eu penso, aquilo é um pedaço de mim” (22-23 minutos). Suas palavras ressoam a força para que continuemos, toca a política das nossas carnes e nutre as memórias dos tempos que estão por vir.

Em cada novo festival, em cada *live* esse sentimento foi atualizado e tomou contornos diferentes, acessou outros lugares, criou outras afetações. O 1º Festival Traviarcado produzido pelo FONATRANS aconteceu no dia 31 de maio e teve como apresentadora oficial Letícia Caroline, mulher travesti negra, gorda e professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI) que conduziu todas as *lives* em formato de conversa. As três primeiras pessoas convidadas para compor os diálogos fazem parte da construção do movimento social de pessoas trans no Brasil. Jovanna Cardoso, uma das fundadoras do movimento e atual presidente do FONATRANS, deu início ao Festival¹⁴. Letícia resgata as inúmeras vezes que durante aquele mês Jovanna havia participado de outras *lives* para contar a história, para falar da sua participação e enfatiza como este movimento de retorno é importante e necessário para que cada vez mais pessoas possam acessar este conhecimento. Ouço as palavras de Jovanna, sinto a força de cada passo dado e entendo a importância de abrir caminhos, criando passagem para que nossos corpos acessem locais que pareciam inimagináveis.

¹² Link da live História/Apresentação - 1º Festival Nacional TRAVESTILIZANDO: <https://www.instagram.com/tv/CANx8TqHrKC/>

¹³ Link da live Travestilizar a educação e des(a)fiar a norma - 1º Festival Nacional TRAVESTILIZANDO: https://www.instagram.com/tv/CAN477IFpNX/?utm_source=ig_web_copy_link

¹⁴ Link da live Letícia Carolina conversa com Jovanna Cardoso e Indianare Siqueira - 1º Festival Traviarcado: https://www.instagram.com/tv/CA3dhxwBBnz/?utm_source=ig_web_copy_link

Na sequência Indianare Siqueira, pessoa transvestigenera¹⁵ e fundadora da Casa Nem, inicia sua participação falando do protesto contra o governo Bolsonaro que ela havia participado naquele mesmo dia¹⁶. Letícia aproveita para relembrar das manifestações que Indianare já participou afrontando o Estado com seu próprio corpo, como por exemplo, quando ela expôs os seios durante a Marcha das Vadias, e pergunta de onde vem tanta coragem, essa força que extrapola as redes sociais e está no enfrentamento das ruas. Sem pestanejar Indianare responde: “Eu acredito que essas forças venham de nossas ancestrais, que não tiveram os mesmos direitos que nós” (36m38s à 36m44s) e vai lembrando de enfrentamentos como a revolta de *Stonewall*. Indianare evidencia que a organização política de travestis e transexuais no Brasil, consolidada a partir da fundação da Associação de Travestis e Liberados (ASTRAL), em 1992, teve uma importância fundamental para nutrir essa força, principalmente em uma época em que não existiam as redes sociais. Tenho a recordação que foi ao ouvir esta colocação de Indianare que surgiu em mim a ideia de construir este trabalho e ela foi aumentando no decorrer das falas.

A *live* com Beatriz Senegal¹⁷, uma das fundadoras da ASTRAL, completa os três fragmentos iniciais deste festival. Durante a conversa, Beatriz fala que entende que o que ela, Jovanna Baby, Elza Lobão, Josy Silva, Monique Du Bavieur e Claudia Pierry France fizeram ao criar o movimento, foi semear uma militância que hoje está frutificando. Letícia pergunta se elas sabiam que o que estavam fazendo se tornaria algo histórico, e sua resposta foi: “No momento não sabíamos que era algo histórico, como futuramente esta *live* também será histórica”. É exatamente esta a sensação, sinto que escrevo no exato momento onde o presente busca nas memórias coletivas, força para seguir, enquanto torna-se histórico.

Para finalizar o 1º Festival Traviarcado, Letícia conversou com Maria Clara, travesti negra, pernambucana, estudante de pedagogia e integrante da mandata quilombo¹⁸, e como ela mesma diz no início da *live*¹⁹, dá continuidade a essa trajetória de travestis negras nordestinas que sempre estiveram no *front*. Maria Clara começa falando da responsabilidade de estar na programação do festival e de trazer em sua voz a representatividade dos frutos que foram

¹⁵ Termo cunhado pela própria Indianare Siqueira para nomear, de uma forma mais abrangente, as pessoas trans, travestis e não-binárias.

¹⁶ Matéria sobre o protesto: <https://noticias.uol.com.br/colunas/chico-alves/2020/05/31/pm-dispersa-com-bombas-de-gas-manifestantes-anti-bolsonaro-em-copacabana.htm>

¹⁷ Link da live Letícia Carolina conversa com Beatriz Senegal- 1º Festival Traviarcado: <https://www.instagram.com/tv/CA3knrUhQ5L/>

¹⁸ Mandata Quilombo é um cunhado pela Deputada Estadual Erika Malunguinho para se referir ao seu projeto político.

¹⁹ Link da live Letícia Carolina conversa com Maria Clara - 1º Festival Traviarcado: <https://www.instagram.com/p/CA3yBfmBarQ/>

plantados pelas mulheres trans e travestis desde do início do movimento. Apoiada nesta fala Letícia relembra que essa ancestralidade nordestina está enraizada desde o período do Brasil Colônia, pois Xica Manicongo, que foi escravizada no território da Bahia, atualmente vem sendo reconhecida como a primeira travesti da História do Brasil (JESUS, 2019). Meu corpo transmasculino, negro de pele clara, devorador de poesia, nascido na territorialidade que foi intitulada de Alagoas e que pode ser descrito por tantas outras palavras, sente a conexão com as raízes desta ancestralidade. Nossas experiências estão conectadas no rompimento da norma, no dismantelo do sistema, que sempre insistiu e insiste em nos colocar nas margens, e de tanto margear o mundo, penso que estamos juntos, juntas, junte criando um além.

No dia 08 de agosto de 2020, o Brasil atingiu a marca de mais de 100 mil mortes pelo coronavírus. Nesse mesmo dia, às 16 horas, Leonardo Peçanha, transhomem negro, ativista, professor e idealizador do negros blogueiros²⁰ iniciou, através do perfil do FONATRANS, a *live*²¹ que deu abertura ao 1º Festival AfroTransMasculinidades. O tema da *live* de abertura foi a história do movimento transmasculino no Brasil, e teve como convidado, Alexandre Peixe, transhomem, pai, avô, ativista e pioneiro no movimento organizado de transhomens e pessoas trans masculinas no Brasil. Alexandre fala que a primeira vez que levou a pauta da questão de transhomens para dialogar com o movimento social organizado foi em 2004, no 2º Encontro Paulista LGBT. Rememorando tudo o que aconteceu desde este primeiro momento, ele enfatiza que é necessário conhecer as batalhas que foram travadas para hoje estarmos aqui. “Eu tenho visto muitos youtubers, muitos meninos falando umas coisas e pontuando como se fosse, como se a coisa tivesse assim, caído do céu e não foi assim, né? Foi uma construção demorada [...] (11m35s à 11m50s).

Eu entendo que cada palavra de Alexandre está comunicando que esta é uma história que precisa ser contada e ouvida, pois é um conhecimento que circula muito pouco entre nós, e por isso, dentro de minha coleção, esse é um fragmento denso, guardado com muito zelo. Para se fortalecer, é preciso voltar às raízes, olhar a movimentação do tempo e entender como os fatos estão interligados nas redes de um passado plural. Assim, Alexandre continua a conversa afirmando o quanto a parceria com as travestis e transmulheres foi fundamental, na medida em que elas abriram a porta e abraçaram a questão dos transhomens, sempre deixando muito evidente que era necessário que o movimento crescesse e andasse com as próprias pernas.

²⁰ Link do blog: <http://negrosblogueiros.com.br/>

²¹ Link da live A história do movimento transmasculino no Brasil - 1º Festival AfroTransMasculinidades : https://www.instagram.com/tv/CDpBeT9B7Sf/?utm_source=ig_web_copy_link

Enquanto a *live* se desenrolava, lembro que pensava mais uma vez sobre as conexões de um passado comum e nas singularidades de cada história. Alexandre relembra do 1º Encontro Nacional de Homens Trans (ENAHT)²² que foi organizado pelo Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT) e traz essa lembrança como a coisa mais emocionante que ele já viveu. Como mensagem final reafirma: “Eu acho que a galera tem que continuar fazendo as suas *lives*, ser *youtuber*, fazer tudo, mas não apagar a história de pessoas que tavam lá atrás, que apanharam pra caramba, porque apanharam”. E cita alguns nomes além do seu, que compõem essa história e precisam ser lembrados: Ray Carlos, Silvio Lucio, Lam Matos, Leonardo Peçanha, João W. Nery. Em minha mente essa lista vai sendo ampliada enquanto entrelaço e guardo nas entranhas da minha carne os nomes dos que já se foram e dos que ainda estão aqui; sou um pedaço disso tudo e tudo isso é um pedaço de mim.

Em tom de continuidade Leonardo Peçanha inicia a segunda *live*²³ do festival que teve como temática o protagonismo de transhomens negros na construção do movimento transmasculino e como convidado Lam Matos, transhomem, negro-indígena, militante. Durante a conversa eles trouxeram a discussão de como a constituição do movimento foi realizada por transhomens de corporalidades não hegemônicas: negros, gordos, idosos, não heterossexuais, assim como viviam em regiões distintas, não pertenciam apenas ao eixo sudeste do país. De forma que tanto Leonardo, como Lam, concordam com a necessidade de contar a história do movimento transmasculino dentro de uma perspectiva não branca e perpassada por estas interseccionalidades, para que os corpos negros e não hegemônicos não caiam no esquecimento. Para isso, é necessário construir memória e assim gerar processos de empoderamento e de representatividade, como Lam nos coloca em determinado momento da conversa:

O movimento transmasculino ele vem já com uma carga, com uma força que não é conhecida nem por metade da comunidade transmasculina e quem dirá do nosso Brasil que não conhece nem a própria história, né? Então, assim saber disso e de alguma forma buscar deixar isso registrado é de extrema importância, porque nós estamos carregados de história, nós estamos carregados de representatividade” (48m05s à 48m37s).

²² O encontro ocorreu em São Paulo entre os dias 20 e 23 de fevereiro do ano de 2015 e reuniu 117 participantes das cinco regiões do país para discutir especificidades da população transmasculina. Durante o evento ficou decidido que a partir de 2015 no dia 20 de fevereiro seria comemorado a luta por visibilidade da comunidade transmasculina no Brasil.

²³ Link da live O protagonismo de transhomens negros na construção do movimento transmasculino - 1º Festival AfroTransMasculinidades : https://www.instagram.com/tv/CDpBeT9B7Sf/?utm_source=ig_web_copy_link

Tento encontrar no instagram a *live* que iniciou o Festival Nacional TRANSMASCULINIZANDO promovido pela ANTRA em 05 de junho de 2020, mas acredito que ela só ficou salva nas memórias. Lembro que a programação do festival²⁴ indicava que Alexandre Peixe iniciaria as *lives* contando a história do movimento transmasculino e apresentando o festival. No entanto, Alexandre convidou Luck Palhano, primeiro Coordenador Nacional do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT), e fez desse momento, um diálogo, uma troca, ressaltando sempre a importância da coletividade e de não esquecermos das histórias que nos constituem.

Gambiarra cacográfica e os apontamentos para o fim

Esta escrita está longe de ser um manual do que se fazer em tempos de crise, não há regras delimitadas ou receitas prontas, ela é antes de tudo uma gambiarra, um ato de improviso feito com os recursos que se tem em mãos (ROSAS, 2008). Uma gambiarra cacográfica formada por cabos e por uma coleção de cacos e afetos: uma arma frente aos horrores que nos cercam, um convite para que cada uma/um de nós nos armemos das memórias que nos constituem e possamos juntas/os friccionar novos tempos.

As *lives* realizadas pelo movimento social trans brasileiro em 2020 são a matriz desta gambiarra, elas articulam memórias em um circuito de afetos, criando possibilidades de conectar nossas raízes com os tempos que estão por vir. Produzindo assim uma política de encantamento da vida, “ato de desobediência, transgressão, invenção e reconexão: afirmação da vida, em suma” (SIMAS; RUFINO, 2020). Uma política que se desdobra e articula “movimentos sensíveis, teóricos e poéticos que não se encerram no desejo de ser, mas transbordam e transtornam o movimento de tornar-se” (MOMBAÇA, 2021, p. 133). Nos ensinando a importância de comungar nossas histórias, de permanecermos em bando e nos colocando “a tarefa de afirmar a vida neste e nos outros mundos — múltiplos feito as folhas — como pássaros capazes de bailar acima das fogueiras, com a coragem para desafiar o incêndio e o cuidado para não queimar as asas” (SIMAS; RUFINO, 2020).

Enquanto os dias de 2020 se passavam e o número de pessoas mortas por coronavírus aumentavam, as paredes da casa pareciam me comunicar que estávamos cada vez mais só, impossibilitadas/os de sentir a força que é criada quando estamos em coletivo. Participar e interagir com as *lives* me proporcionou trazer o resgate dos encontros

²⁴ Link da programação do Festival Nacional TRANSMASCULINEZANDO:
<https://antrabrasil.org/transmasculinizando/>.

e me fez sentir a força da oralidade compartilhada em um tempo comum. De modo que minha gambiarra cacográfica é uma forma de me armar com o conhecimento das pessoas que me antecedem e de compartilhá-lo, pois “gambiarra também é método. É modo, *modus operandi*, tática de guerrilha, de ação, de transmissão, de disseminação” (ROSAS, 2008, p. 24). Ou como nos diz Tatiana Oliveira (2018): “Gambiarra é nossa fuga armada”.

Com isso não estou dizendo que a saída são as *lives*, ou a conexão mundial de computadores, estou apontando para outra coisa, talvez seja preciso apelar para os recursos criativos: transformar, juntar, colar, partir, remendar, tudo aquilo que parece não dar conta. É preciso friccionar sem cair na ilusão de salvar o mundo. É neste sentido que a força criativa de minha gambiarra cacográfica consiste na bricolagem de campos que por vezes são tratados como opostos: movimento social de base e ciberativismo, temporalidades de passado e futuro, ancestralidade e atualização, individual e coletivo, [...], porque entendo que “gambiarra remete a um tipo de tecnicidade que não respeita as fronteiras” (BRUNO, 2017, p. 144). Sua poética vem do fato de não se limitar a cumprir ou executar, mas dialogar, não só com as coisas, mas também através das escolhas feitas entre as possibilidades limitadas e o repertório de vida de quem a cria. Alguma coisa de si sempre é colocada na gambiarra (SOUZA, 2011), de forma que ela é processo, “work in progress”, há sempre algo a acrescentar (ROSAS, 2008). Por isso essa gambiarra não acaba aqui, ela é sempre refeita a partir de quem a acessa e faz uso criativo de sua inventividade. Nós corporalidades trans e dissidentes, que vivemos nas margens do mundo, sabemos que não há salvação, mas continuamos reinventando a vida, friccionando nossos corpos contra as brechas, criando alianças, fazendo comunidade, dançando sobre os escombros e nutrindo passos futuros. Avante!

Referências

AMARAL, Inês. Participação em rede: do utilizador ao “consumidor 2.0” e ao “Prosumer”. **Comunicação e Sociedade**, vol. 22, p. 131-147, 2012.

BENEVIDES, Bruna. Travestilizando a humanidade. In: Festival Travestilizando: Programa Completo. **ANTRA**, 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>

BENEVIDES, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara. Boletim nº 03/2020: Assassinatos contra travestis e transexuais em 2020. **ANTRA**, 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/06/boletim-3-2020-assassinatos-antra.pdf>. Acesso em: 05 Set. 2021

BENEVIDES, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara. Dossiê dos ASSASSINATOS e da violência contra pessoas Trans em 2020. **ANTRA**, 2021. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>

BRUNO, Fernanda. (2017) “Objetos técnicos sem pudor: gambiarra e tecnicidade”, **Revista ECO-Pós**, 20(1), p. 136–149. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/10407 . Acesso em 01 Out 2021.

CARVALHO, Mario, & CARRARA, Sérgio. Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, 14,319-351. 2013

COCKAYNE, Daniel and RICHARDSON, Lizzie. The queer times of internet infrastructures and digital systems in Interfaced lives, interwoven worlds : geographies of sexualities in the digital age. p. 11-27. 2019

COGO, Denise Maria; LOPES, Daniel Barsi. Juventude e cidadania: uso das mídias digitais na Ong Aldeia, em Fortaleza. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, Ano 10, Volume 10, n. 27, p. 13- 33, 2013.

DAROS, Raphaella Fagundes. Escrever como quem coleciona cacos: uma aposta metodológica. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, V. 11 N. 1, julho 2018, pp. 53-73

DEORRISTT, Aline da Rosa. Cacografias e Hilda Hilst. In: **Revista Anayde de Cultura Feminista**, 2018.

DEORRISTT, Aline da Rosa. **Mulheres caídas**: cacografias na educação. 2018, 277 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 250-260, Jan.-Abr. 2019.

LEVY. Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999

LOVELUCK, Benjamin. **Redes, liberdades e controle: Uma genealogia política da internet**. Petrópolis: Ed. Vozes. 2018.

LUPINACCI, Ludmila. “Da minha sala pra sua: teorizando o fenômeno das lives em mídias sociais”. **Galáxia**, São Paulo, PUC-SP. 2021. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/49052/35718> Acesso em: 05 out. 2021

MACHADO, Jorge. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, n. 18, p. 248-285, jul./dez., 2007.

MELO, Késia Maria Maximiano de. **Consciência, news e glamour: a internet como espaço alternativo de sociabilidade e ativismo entre pessoas trans**. 2016, 111 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, BR-SP, 2016.

MOIRA, Amara. Entrevista com a escritora Amara Moira, autora de Neca. [Entrevista concedida a] Celso Faria. **E.urbanidade**, 2021. Disponível em:
<https://eurbanidade.com.br/entrevista-com-a-escritora-amara-moira-autora-de-neca/>. Acesso em: 12 out. 2021

MOMBAÇA, Jota. O mundo é meu trauma. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, número 11, página 20 - 25, 2017.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**: cartas às que vivem e vibram a pesar do Brasil. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020, recurso digital.

NASCIMENTO, Letícia. EU NÃO VOU MORRER. **Revista Inter-Legere**, v. 3, n. 28, set. 2020. Disponível em:
<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/21581/13152> . Acesso em: 02 dez. 2020.

NERY, João Walter; MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Transhomens no ciberespaço: micropolíticas das resistências. In: MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. **História Agora**, v.16, nº 2, p. 139-165, 2013.

OLIVEIRA, Tatiana. À beira do abismo, os escombros. 2018. Disponível em **Revista DR**:
<http://revistadr.com.br/posts/a-beira-do-abismo-os-escombros/> Acesso em 11 de abril de 2021.

PAZETTO, Débora. Todas as razões para fazer uma revolução estão aí, mas os corpos estão diante das telas. **O que nos faz pensar**, [S.l.], v. 29, n. 46, p. 141-151, July 2020. ISSN 0104-6675. Disponível em: <<http://www.oquenofazpensar.fil.puc->

rio.br/index.php/oqnfp/article/view/726>. Acesso em: 22 apr. 2021.

PELUCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. Cafajeste. Pagu , Campinas, n. 25, pág. 217-248, dezembro de 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000200009&lng=en&nrm=iso> . acesso em 20 de abril de 2021

PRECIADO, Paul B. Aprendendo do vírus. n-1, 2020, disponível em: <https://n-1edicoes.org/007>

PRECIADO, Paul B. “La izquierda bajo la piel: Um prólogo para Suely Rolnik”. In: ROLNIK, S. Esferas da insurreição: Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, pp. 11-21. 2018

QUEBRADA, Linn da. Meu Bairro, Minha Língua. In: Websérie EP 03: Linn da Quebrada. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/p848mKG5dEI> . Acesso em: 12 Jul. 2021.

RIBEIRO, Ângelo Augusto. **YouTube, a nova TV corporativa** : o vídeo na web como estratégia de comunicação pública e empresarial. Florianópolis : Combook, 2013.

ROSAS, Ricardo. Gambiarra – alguns pontos para se pensar uma tecnologia recombinante. In: Revista Gambiarra – nº 1, ano 1. 2008, p.19-26. Disponível em: <http://www.periodicos.uff.br/gambiarra/article/view/29620>. Acesso em: 26 de abril de 2021

SILVA, Jovanna Cardoso da. Movimento político social da população T no Brasil. In: CAETANO, Márcio [et al] (orgs). Quando ousamos existir: Itinerários fotobiográficos do movimento LGBTI Brasileiro (1978-2018). Tubarão: Copiart, Rio Grande, RS: FURG, 2018.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Democracia e os códigos invisíveis**: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento**: Sobre política de vida. Mórula Editorial. 2020.

SOUZA, Iara Regina. A gambiarra: O Devir Artefato. In Anais da VI Reunião Científica da ABRACE. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/vireuniao/teorias/65.%20SOUZA,%20Iara%20Regina.pdf>
Acesso em 02 Out 2021.

STAROSIELSKI, Nicole. **The Undersea Network**: Sign, Storage, Transmission. Durham: Duke University Press, 2015.